

TRAJETÓRIAS DE PESQUISA: MULHERES NEGRAS E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL

RESEARCH PATHS: BLACK WOMEN AND FOOD IN BRAZIL

CAMINOS DE INVESTIGACIÓN: MUJERES NEGRAS Y ALIMENTACIÓN EN BRASIL

Luiza Santos Alves

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

<https://orcid.org/0009-0009-7703-4878>

luizaalves.geo@gmail.com

RESUMO

Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado encerrada em 2023 com a pretensão de expor as ausências das mulheres negras nas análises da Geografia sobre alimentação no Brasil. Chego a essa conclusão por meio de revisão de literatura acerca da mulher negra e espaço privado e sobre mulheres negras na área de estudo da alimentação. Em diálogo com a arquitetura, antropologia e feminismo negro, afirmo a fundamental e massiva presença das mulheres negras para se pensar a alimentação no Brasil e proponho a urgente inserção delas na geografia dos alimentos e da alimentação. Utilizo a interseccionalidade como ferramenta analítica e considero a cozinha espaço paradoxal.

Palavras-chave: Mulheres negras; Interseccionalidade; Geografia dos alimentos; Espaço privado.

ABSTRACT

This article is part of the results of doctoral research completed in 2023. Here the aim is to expose the absence of black women in Geography analyzes of food in Brazil. I reach this conclusion through a literature review about black women and private space and about black women in the area of food study, and, in a dialogue with architecture, anthropology and black feminism, I affirm the fundamental and massive presence of women black women to think about food in Brazil and I propose their urgent inclusion in the geography of food and nutrition. I use intersectionality as an analytical tool and consider the kitchen a paradoxical space.

Keywords: Black women; Intersectionality; Food geography; Private space

RESUMEN

Este artículo forma parte de una investigación doctoral finalizada en 2023. Aquí el objetivo es exponer la ausencia de las mujeres negras en los análisis geográficos de la alimentación en Brasil. Llego a esta conclusión a través de una revisión de la literatura sobre las mujeres negras y el espacio privado y sobre las mujeres negras en el área de estudio de la alimentación y, en diálogo con la arquitectura, la antropología y el feminismo negro, afirmo la presencia fundamental y masiva de las mujeres negras para que se piense la alimentación en Brasil y propongo su urgente inclusión en la geografía de la alimentación y la nutrición. Utilizo la interseccionalidad como herramienta analítica y considero la cocina un espacio paradójico.

Palabras clave: Mujeres negras; Interseccionalidad; Geografía de los alimentos; Espacio privado.

Introdução

Este texto é fruto de parte dos resultados da pesquisa de doutorado encerrada em 2023 que se dirigiu a demonstrar a importância das mulheres negras no debate da geografia dos alimentos e da alimentação no Brasil a partir de problematizações acerca da construção da feminilidade e de quem exerce o trabalho doméstico no país. Amparada pelas geografias feministas e geografias negras, pelo feminismo negro, por dados de órgãos oficiais e por relatos de trabalhadoras domésticas, o objetivo foi agregar à geografia dos alimentos e da alimentação contribuições para enriquecer ainda mais esse debate, incluindo como sujeitas as mulheres negras, imprescindíveis para pensarmos a alimentação brasileira.

Na área da Geografia que pesquisa os alimentos e a alimentação fica clara a ausência das mulheres negras e é esse o foco principal deste artigo, demonstrar a partir do diálogo com outras áreas – como Antropologia, Arquitetura e História - como as mulheres negras são fundamentais para pensar a alimentação brasileira, mas estão ausentes do debate da geografia dos alimentos e da alimentação. Pretende-se, dessa maneira, provocar o debate para que, urgentemente, elas tenham centralidade no tema.

Essa discussão se faz necessária pela massiva influência que mulheres negras possuem nos modos de cozinhar e na formação dos hábitos alimentares brasileiros, já que nosso paladar, costumes e hábitos alimentares foram formados por elas, seja na cozinha de nossa casa (como nossa parente ou trabalhadora doméstica remunerada), seja nas

comidas de rua ou nos restaurantes. Assim como nossa língua foi definida como Pretuguês por Lélia Gonzalez (2018), pois a presença africana no Brasil influenciou nossa língua, nossa alimentação também foi moldada por mãos que cozinham, quase exclusivamente, por mais de 300 anos nesse país (Machado, 2021). Mulheres negras são um corpo excluído do olhar eurocêntrico da pesquisa e por isso sua ausência na geografia, em geral, e nesse campo em particular que busca analisar o alimento desde sua produção até o consumo.

O artigo se baseia em revisão teórica acerca das presenças e ausências das mulheres negras na geografia dos alimentos e da alimentação. Para discutir o tema, faço uma breve exposição dos principais assuntos na geografia dos alimentos e da alimentação; abro um diálogo com Rose (1993), McKittrick (2006) e bell hooks (2019) para apontar como o espaço paradoxal se mostra uma categoria valiosa na espacialidade de mulheres negras no espaço privado; e através de Machado (2021) e Lyra (2021) trago a cozinha como espaço central e a agência e resistência de mulheres negras nela como fundamental para pensarmos a alimentação na Geografia brasileira.

Marcos teóricos

As geografias feministas oferecem o aporte necessário para a compreensão da relevância do espaço privado e sua inter-relação e interdependência com o espaço público, que tem mais visibilidade na geografia tradicional (McKittrick, 2006). Os estudos e análises sobre o espaço privado são enfoque das vertentes feministas da Geografia, da mesma forma que as relações e o trabalho que se desenvolvem para a reprodução desse espaço. No Brasil quem mais realiza as atividades domésticas e de cuidado são mulheres negras (IBGE, 2021), portanto a ideologia da feminilidade, pensada para mulheres brancas, burguesas e europeias do século XVIII, e o feminismo civilizatório (Vergès, 2021) não dão conta de explicar particularidades das mulheres negras. Logo, foi da mesma forma fundamental o aprofundamento nos feminismos negros, que fornecem como ferramenta analítica sensível a interseccionalidade (Akotirene, 2021), de maneira que se torna possível compreender a constituição da mulher negra brasileira como sujeita.

Adentrando um pouco mais o espaço privado, chego à cozinha, parte da casa ainda mais esquecida pela ciência e, como consequência, quem atua nela está, da mesma

maneira, invisível. A geografia feminista, nesse ponto, apresenta o conceito que utilizo para que a cozinha seja central na minha análise: o espaço paradoxal. Dessa forma, busco analisar a cozinha como espaço paradoxal e mulheres negras como um paradoxo do espaço, pois ocupam a margem e o centro e assim conseguem enxergar as contradições dentro do feminismo dominante (Rose, 1993). Dar visibilidade a este local da casa e a quem atua nele é tirar da invisibilidade da ciência geográfica o local e as sujeitas de extrema importância para a produção do espaço. Apesar da crescente discussão sobre mulheres negras na Geografia, elas ainda estão pouco presentes nas discussões das geografias feministas e ausentes nas análises da geografia dos alimentos e da alimentação.

Utilizo como ferramenta analítica a interseccionalidade, que aparece como análise teórica (Collins, 2021) na relação entre diferentes áreas do conhecimento para compor este artigo e na compreensão da mulher negra como sujeita central da análise. É preciso pensar um corpo que é atravessado por diversas opressões, essencial para pensar a alimentação no Brasil e sofre a tentativa de ser engolido pelo feminismo civilizatório, que universaliza a experiência das mulheres e acaba favorecendo mulheres brancas. A compreensão da simultaneidade não hierarquizada de opressões, que a interseccionalidade oferece, é capaz de explicar essa ausência. Por fim, o conceito de espaço paradoxal (Rose, 1993), que traz visibilidade a escalaridades ignoradas pela Geografia, é utilizado para se pensar a cozinha, esse cômodo crucial e presente no cotidiano, porém invisibilizado pela ciência geográfica.

O espaço paradoxal é um conceito desenvolvido pela geógrafa Gillian Rose (1993) e sua relevância está em colocar em evidência espaços ignorados e invisibilizados pela geografia tradicional.

As mulheres não ficam apenas aprisionadas no estudo como objeto de conhecimento, então, mas também se exilam do estudo, sabendo que não são o que o *master subject* assume. Prisioneiras e exiladas: a primeira aparição do que chamo de espaço paradoxal. Não admira que o espaço seja tão tortuoso para tantas mulheres (Rose, 1993, p. 149-150, tradução da autora)

A autora, uma mulher branca, ressalta a importância das feministas negras para análises espaciais outras, pois a corporeidade das mulheres negras extrapola a clássica divisão e disputa dos espaços público e privado, posto por correntes feministas que consideram a mulher universal, pois mulheres negras transitam entre eles. O corpo das

mulheres negras que ocupam esses espaços é, também, segundo Rose (1993), um paradoxo do espaço por ocupar, ao mesmo tempo, a margem e o centro. Nesse sentido, a cozinha pode ser considerada como espaço paradoxal porque não aparece nas análises da geografia tradicional, que prioriza o espaço público como central. Este conceito permite trazer centralidade a espaços normalmente periféricos para a Geografia no geral.

McKittrick (2006) nos diz que relacionar a geografia e as populações negras com uma narrativa que localiza e se baseia em histórias negras e sujeitos negros pode tornar visíveis as vidas frequentemente descoladas, consideradas não geográficas. De acordo com a autora, as geografias das mulheres negras abrem um caminho para outras possibilidades de investigação e “uma arena conceitual através da qual geografias mais humanamente viáveis podem ser e são imaginadas” (McKittrick, 2006, p. xii, tradução da autora). Para essa autora

(...) as vidas e as experiências de mulheres negras tornam-se espacialmente visíveis por meio desses conceitos e momentos porque esclarecem que a negritude é parte integrante da produção do espaço. Em outras palavras, as práticas sociais criam paisagens e contribuem para a forma como organizamos, construímos e imaginamos nosso entorno. Os sujeitos negros não são indiferentes a essas práticas e paisagens; em vez disso, eles estão conectados a eles devido a hierarquias raciais-sexuais cruas e devido ao seu status (muitas vezes não reconhecido) como seres geográficos que têm interesse na produção do espaço. As histórias, vidas e espaços das mulheres negras devem ser entendidos como imbricados nos arranjos geográficos tradicionais, a fim de identificar uma maneira diferente de conhecer e escrever o mundo social e expandir como a produção do espaço é realizada em terrenos de dominação (McKittrick, 2006, p. xiv, tradução da autora).

Geografias tradicionais, para McKittrick (2006), apontam para formulações que se pode ver, avaliar e organizar o mundo de um ponto de vista estável, ou seja, branco, patriarcal, eurocêntrico, heterossexual, classista. As geografias negras e geografias das mulheres negras, nesse sentido, sinalizam padrões alternativos que funcionam ao lado e através das geografias tradicionais. Ela propõe que uma forma de lidar com categorizações injustas e desiguais é pensar sobre – e empregar – formulações geográficas alternativas que as comunidades subalternas sugerem, como é o caso do conceito de espaço paradoxal proposto pelas geografias feministas e categorias analíticas trazidas pelas epistemologias feministas.

McKittrick (2006) faz alusão ao feminismo que bell hooks (2019) chama de marginal e central, que é o feminismo negro. hooks (2019), em uma analogia com o bairro em que cresceu, fala que mulheres negras acessam tanto a margem quanto o centro dos lugares, e que, portanto, “estar na margem é fazer parte de um todo, mas fora do corpo principal” (hooks, 2019, p. 23). Pessoas negras empobrecidas podem não morar no centro, mas estão lá trabalhando. Já as pessoas que habitam o centro quase sempre não conhecem o que e/ou quem está à margem. Trazendo o feminismo da margem ao centro, como o próprio título do livro sugere, a autora espacializa a corporeidade de mulheres negras, que neste trabalho aparece como a ação delas na cozinha.

Em uma crítica ao que Vergès (2020) denomina feminismo civilizatório, hooks (2019) diz que muitas teorias feministas foram elaboradas por mulheres que vivem no centro e que não contempla a vivência de homens e mulheres que habitam a margem. Falta, portanto, inteireza à teoria feminista, “falta aquela amplitude analítica capaz de abarcar uma variedade de experiências humanas” (hooks, 2019, p. 24). Essas teorias irão emergir, segundo a autora, de indivíduos que possuem conhecimento tanto da margem quanto do centro. Ela denuncia que o racismo é muito presente nos escritos de feministas brancas, que ignora a supremacia branca como política racial.

É essencial à continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam as vantagens advindas de nossa marginalidade e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia do racismo, do sexismo e do classismo, de modo a vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. O que estou sugerindo é que temos um papel central a desempenhar na constituição de uma teoria feminista e, junto com isso, uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. (hooks, 2019, p. 46)

É nesse diálogo entre a agência e resistência de mulheres negras a partir da cozinha como lugar de resistência, de criação e de memória; uma análise espacial feita por, para e sobre mulheres negras, em uma tentativa de se imaginar e fazer uma geografia mais humana a partir de sujeitas que eram e ainda são consideradas não geográficas em lugares que eram também considerados não geográficos; e considerando vivências marginais e centrais de mulheres negras que reafirmo a necessidade e urgência de pensar a cozinha e as mulheres negras que atuam nela geograficamente. O que temos neste trabalho é a problematização de uma ausência teórica de fatos com grande presença na realidade e no cotidiano. Antes de apresentar tal ausência, retomo as formas que os alimentos e a alimentação aparecem na Geografia brasileira.

Mulheres negras na geografia dos alimentos e da alimentação: as poucas presenças

A geografia se faz presente nos estudos do alimento e da alimentação de diversas formas, desde a produção, passando pelo transporte, comercialização e consumo; também discute com bastante profundidade a questão fundiária no Brasil; os movimentos sociais do campo estão contemplados; e ainda se faz presente na crítica contundente ao agronegócio que é autor de inúmeras violências no campo e impacta a alimentação de todos, seja no campo ou na cidade. O alimento, portanto, seja na sua circulação pelo espaço ou o que ele representa nas relações sociais, é um objeto analítico presente nas discussões da geografia brasileira e que carrega consigo uma riqueza e possibilidades de análise igualmente grandiosas.

Neste trabalho, no entanto, o alimento e a alimentação são coadjuvantes de um outro personagem que aqui se faz central, que é quem prepara os alimentos e os transforma em refeição. Penso que há uma lacuna entre a produção, comercialização e consumo dos alimentos. Esse processo acontece quando em uma casa, que é nosso espaço de análise, em um cômodo destinado às preparações culinárias, que é a cozinha, uma mulher negra prepara essas refeições e/ou quando lembramos/pensamos em receitas e preparos típicos de uma região ou família e essa receita tem em sua origem o preparo de mulheres negras.

De acordo com Machado (2021), durante o período escravocrata mulheres africanas escravizadas e suas descendentes foram forçadas a trabalhar em serviços domésticos e, entre eles, estava a responsabilidade pela cozinha. Portanto, durante esse período, que durou mais de três séculos, “a maior parte da mão de obra que produziu a alimentação brasileira era feminina, negra e escravizada” (Machado, 2021, p. 55). A cozinha torna-se desde essa época um espaço de trabalho para mulheres negras, e se mantém assim, visto que os dados nos mostram que a maior parte das trabalhadoras domésticas ainda são mulheres negras, conforme tabela 1.

Tabela 1 - Trabalhadoras domésticas no Brasil por gênero e raça/cor

Trabalhadoras domésticas no Brasil					
Mulheres representam					91,4%

Revista GeoAmazônia Belém v. 12, n. 24 p. 113-129 2024 Página 119

Representa do total de pessoas ocupadas	5,9%
De todas as mulheres	12,5% estão ocupadas no setor
Negras representam	67,3%
Não negras representam	32,7%

Fonte: DIEESE (2022). Organizado pela autora

Precisamos, em vista do exposto, falar não só sobre o trabalho doméstico exercido pelas mulheres, mas especificamente o trabalho doméstico exercido por mulheres negras no Brasil. O trabalho doméstico realizado majoritariamente por mulheres negras é ainda reflexo da escravidão no nosso país, período no qual elas eram as escravizadas domésticas - as mucamas, as mães de leite (ou amas de leite) -, e esse fator nos leva além da relação biológica que se faz entre o sexo feminino e o trabalho doméstico a partir do entendimento da construção da feminilidade. Tal relação não basta para explicar a permanência de mulheres negras brasileiras em trabalhos subalternizados e mal remunerados. Lélia Gonzalez (2018) já afirmava na década de 1980 que as escravizadas que trabalhavam no eito, ou eram mucamas, são as atuais trabalhadoras rurais e empregadas domésticas. A autora considera a Lei Áurea, que aboliu a escravidão em 1888, uma formalidade jurídica, que foi antecedida por lutas dos negros pela liberdade e que essa luta não cessou com a promulgação da referida lei. Ela afirma que a sociedade brasileira precisa voltar-se para si mesma e reconhecer suas contradições e profundas desigualdades raciais e que outras sociedades latino-americanas têm muitas características parecidas com a brasileira¹. Angela Davis (2016) afirma que “a equiparação ocupacional das mulheres negras com o serviço doméstico não era, entretanto, um simples vestígio da escravidão destinado a desaparecer com o tempo.” (p. 98), situação semelhante ao que ocorre no Brasil. É, portanto, necessário

(...) reconhecer como a história do trabalho doméstico está ligada à história escravocrata no Brasil e, conseqüentemente, aos efeitos do racismo estrutural, é um passo fundamental para análises mais

¹ Deixo as falas de Lélia Gonzalez com verbos no presente por entender que suas sugestões, percepções e anseios continuam atuais.

abrangentes sobre as condições desse tipo de trabalho (Teixeira, 2021, p. 57).

Para pensarmos o espaço da cozinha, trago a arquiteta Luna Lyra (2021) que investigou espaços de cozinhar coletivos, compartilhados, comunitários, reconstituindo suas origens e mostrando a potência dessas cozinhas, importantes locais de garantia de segurança alimentar e nutricional para movimentos sociais e pessoas em situação de vulnerabilidade, e onde mulheres trocam conhecimento e se sentem à vontade para se manifestar sem constrangimento. Sua intenção é mover-se em direção a imaginar outros modos de compartilhar e de manutenção da vida.

De acordo com Lyra (2021), na arquitetura a cozinha e outros espaços de cozinhar sofreram um ocultamento simbólico e espacial, desvalorizando-se socialmente bem como outros espaços ligados ao trabalho doméstico, que foram desvalorizados e invisibilizados, e quem os realiza entram também nessa desvalorização e invisibilização. A cozinha sofre uma desvalorização mesmo dentro do ambiente doméstico; por vezes foi/é o espaço onde a mulher negra de pele retinta trabalha e não pode circular por outros espaços da casa, como a sala.

Ao construir um histórico da cozinha no Brasil, Lyra *apud* Villar (2021) fala que os espaços de cozinhar dos povos originários brasileiros, descritos por viajantes do século XIV ao XIX, eram internos e externos à casa, faziam parte da vida coletiva dos povos indígenas e não eram delimitados por paredes em um cômodo, era um espaço circular e compartilhado. Eram as mulheres as responsáveis por esses espaços, internos e externos, e todas as atividades relacionadas a ele. Os espaços de cozinhar externos serviam a preparações mais complexas e elaboradas, como bebidas fermentadas, e às festividades. Esses modos de cozinhar e de se alimentar influenciaram as populações não indígenas e a configuração das casas.

Após o início da colonização, a autora (Lyra *apud* Villar, 2021) diz que a cozinha brasileira era dependente do acesso à água e pelas particularidades do preparo da farinha de mandioca, incorporada pelos portugueses colonizadores e africanos escravizados. A proximidade com a água foi determinante para uma cozinha conectada ao quintal ou mesmo totalmente externa para preparos considerados sujos; a cozinha interna era utilizada somente para o preparo de doces finos portugueses. Desde o início da

colonização houve a mescla de modos de construir casas, além da apropriação e mistura dos hábitos alimentares.

Já no período da urbanização do país, as cozinhas dos sobrados das famílias mais abastadas diminuíram de tamanho, entre outros fatores, porque a escravizada doméstica já não era mais tão disponível.

(...) um dos maiores testemunhos da aberração do serviço doméstico nesse período é a construção de sobrados de até seis pavimentos, comuns entre as classes mais abastadas em várias capitais. A cozinha era mantida no último andar, onde a fumaça poderia se dissipar sem incômodo para os donos e suas visitas. Havia principalmente o inconveniente da falta de encanamento de água, que demandava um vai-e-vem de trabalhadoras e trabalhadores domésticos (livres ou escravizados) pelas escadarias com pesados potes para abastecer a cozinha; isso, além do transporte de todos os mantimentos e utensílios necessários para servir as refeições. De cozinha discreta nos fundos da casa, agora ela se torna invisível, quase sublimada da vista de seus donos e da própria forma da construção (Lyra, 2021, p. 100-101)

A popularização dos utensílios domésticos industrializados é um fator que também transforma a cozinha doméstica como a entendemos hoje. Um deles, o principal segundo Lyra (2021), foi o fogão a gás. Como ele ocupava menos espaço e fazia menos “sujeira” foi incorporado ao interior da casa; a partir de então a cozinha era o cômodo em torno do fogão. É claro que demorou para que o fogão realmente ocupasse as casas de todas as classes, já que a lenha era mais barata que o gás e a eletricidade. Em tempos recentes no Brasil, inclusive, o número de acidentes por causa dos preços elevados do gás de cozinha e do empobrecimento da população aumentou consideravelmente. Em um hospital do Rio de Janeiro (RJ), houve um aumento de 43% no número de internações para tratamento de queimaduras em 2022 em relação ao ano anterior; sem dinheiro para comprar gás, as pessoas utilizam outros meios para cozinhar, como álcool ou lenha (Jornal da Globo, 2022)². Ou seja, o fogão a gás ainda não está presente em todos os lares brasileiros.

Nesse espaço onde os alimentos se transformam em pratos e refeições, mulheres, em sua maioria, dispensam algumas horas de trabalho. Vamos nos ater às mulheres negras, sujeitas desta pesquisa e maioria das mulheres que exercem trabalho doméstico

² Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/06/21/falta-de-acesso-ao-gas-de-cozinha-contribui-para-aumento-de-43percent-no-no-de-queimados-em-hospital-de-referencia-do-rio.ghtml>

em suas casas ou em casas de outras famílias no Brasil. Para buscarmos compreender o papel dessas mulheres no preparo dos alimentos e, conseqüentemente, na nossa alimentação, proponho um diálogo entre a antropologia, o feminismo negro e a geografia.

Taís Machado (2021), no âmbito da antropologia, nos apresenta um estudo sobre a importância das mulheres negras na cozinha brasileira, atuando com agência e resistência nesse espaço e construindo laços que possibilitam a sobrevivência delas e de suas famílias, e a perpetuação das receitas através da memória. A geografia feminista e o feminismo negro nos fornecem as ferramentas metodológicas para que esse cômodo da casa passe a ser o espaço central da nossa análise, colocando-o como espaço paradoxal (Rose, 1993; McKittrick, 2006). Espaço paradoxal em que é possível o deslocamento entre a margem e o centro (hooks, 2019) tanto dentro da casa (espaço privado), quando há essa possibilidade, quanto na sociedade (espaço público).

Podemos, como exemplo, citar excertos de D. Risoleta (Bosi, 1994), em uma passagem que ela fala sobre a morte da mãe, durante uma “guerra que durou bastante anos” (p. 377). Ela conta que a mãe trabalhava em uma fazenda em que os patrões, que apareciam toda semana, conversavam sobre a guerra, traziam notícias, e ela, por sua vez, repassava essas informações que ouvia na fazenda quando chegava em casa. Sua mãe fazia doces nessa fazenda. Essa passagem do cotidiano de uma mulher negra trabalhadora doméstica corresponde ao que bell hooks (2019) classifica como o acesso das pessoas que vivem à margem, tanto na escala da casa como da cidade, em saber o que acontece no centro, da casa e da cidade. Como cozinheira da fazenda, ela não participava da conversa dos patrões, mas estava atenta a tudo o que era dito por eles. Dessa forma, levava até sua casa as informações, nesse caso, sobre a guerra.

Machado (2021) faz uma análise social e crítica sobre a história de longa duração do trabalho culinário de mulheres negras no Brasil através de entrevistas com mulheres negras *chefs* de cozinha ou cozinheiras profissionais. A autora nos lembra que a mulher negra é identificada com a imagem da cozinheira nacional ao mesmo tempo que é invisibilizada na cozinha; o fato de Tia Nastácia não ser a personagem-autora do livro de culinária mais famoso do Brasil, e sim Dona Benta, tem a ver com isso. Mesmo as mulheres negras que estudaram e atingiram outro *status* na sociedade e aumentaram sua renda não escapam da condição de ser mulher negra na sociedade brasileira, já que muitas

delas, embora sejam *chefs* de cozinha e tenham estudado em colégios de prestígio, são tratadas e vistas como empregadas domésticas. Para Machado (2021, p.20)

(...) a ideia é pensar na cozinha como um espaço de ação social de mulheres negras e que nos ajuda a entender como mulheres negras sempre buscaram agir com o pouco que tinham ao seu alcance, como ousaram se autodefinir diante de imagens estereotipadas e violentas de si mesmas, construídas por seus algozes, criando espaços negros de cuidado, de sociabilidade e de ação social e política.

Em sua pesquisa, Machado (2021) busca mostrar que “as ações e a percepção crítica de mulheres negras são fundamentais para entender a sociedade” (p. 24), pois elas estão sempre a refletir sobre as suas condições de vida e o contexto no qual se inserem, buscando brechas para garantir sua sobrevivência e a de seus descendentes em meio a uma hierarquia social projetada para o seu prejuízo. A cozinha, para a autora, é pensada como um lugar capaz de encapsular várias camadas de sentido sobre a sociedade e, acrescento, a produção do espaço brasileiro. O trabalho na cozinha, de acordo com a autora, tem relação com o passado de trabalho escravizado e o confinamento de mulheres negras ao trabalho doméstico. Ela pensa a cozinha como um lugar de territorialidade feminina e negra, como um espaço geográfico onde é possível construir redes de apoio e projetos de ruptura das condições de vida. Mesmo forçadas a ocupá-lo, a cozinha pode ser considerada território de mulheres negras, em uma hierarquia espacial racializada, onde se realizam composição de conhecimento culinário, redes de sociabilidade, de apoio e de afeto.

Pegando o fio da meada proposto por Machado (2021), mas diferente dela que pensa a cozinha como espaço geográfico, a cozinha aqui é considerada espaço paradoxal, porque é central para nossa análise mesmo que pareça periférico aos olhos da ciência, no geral, e da geografia, em particular. Ou seja, mesmo periférica na casa e na ciência, a cozinha ocupa um espaço central no cotidiano e na vida de muitas mulheres negras. Em um contraponto à conhecida expressão “a conversa ainda não chegou na cozinha”, Machado (2021) aponta que nunca chegou porque nunca precisou sair de lá.

(...) em conversas e segredos compartilhados, na construção de relações de afeto e redes de apoio e de solidariedade e também na troca de olhares ou de outras expressões para comunicar aquilo que não pode ser dito – não na intimidade monstruosa do trabalho doméstico ou na precariedade do trabalho comercial. (Machado, 2021, p. 222)

A sabedoria culinária de mulheres negras pode ser invisibilizada ou subestimada, mas entre elas é valorizada e respeitada, é um conhecimento transmitido entre as gerações. As antropólogas Cavignac e Silva (2019) também apontam a memória alimentar de mulheres negras como elemento de pertencimento no território e perpetuação de saberes culinários que remontam ao passado colonial e ao continente africano. Machado (2021) argumenta que trabalhadoras negras sempre se articularam para sobreviver em uma estrutura que tentava impedir a sua sobrevivência.

A cozinha, como um espaço menosprezado e invisibilizado de trabalho e como o lugar que mulheres negras foram confinadas, é um dos espaços mais preciosos para essa partilha e sua articulação (Machado, 2021, p. 241).

Sem romantizar essas estratégias de sobrevivência, a intenção da autora foi demonstrar que a brutalidade nas relações de trabalho as forçou a desenvolver estratégias silenciosas de agência e resistência. Lyra (2021) também fala sobre a cozinha como um espaço onde mulheres se sentem à vontade para se manifestar sem constrangimento e onde trocam conhecimento. Ela analisa a cozinha, ou espaços de cozinhar, como “uma *invenção* de espaços *informais* de participação política por mulheres” (Lyra, 2021, p.16); são inventados porque não são dados, são abertos à força, não são autorizados.

Podemos, então, a partir das reflexões de Machado (2021) e Lyra (2021) considerar a cozinha como um espaço paradoxal e a agência e resistência de mulheres negras nesse espaço de maneira que torne geográfica essas vidas e esse espaço que, geralmente, não são considerados geográficos.

Mulheres negras na geografia dos alimentos e da alimentação: as muitas ausências

Afirmo a ausência de pesquisas geográficas sobre alimentação e mulheres negras baseada em uma revisão de literatura, ao buscar por mulheres negras em artigos da Geografia no Portal de Periódicos da Capes e na plataforma Observatório da Geografia Brasileira³ (OGB). A procura foi feita em 98 revistas da geografia entre 1939 e 2023, em

³ O Observatório da Geografia Brasileira (OGB) é um projeto que vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) desde 2008. O OGB oferece à comunidade geográfica brasileira, estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) a possibilidade de explorar seu acervo e produzir análises sobre a Geografia Brasileira. (Silva, 2022). A plataforma ainda não está com acesso disponível ao público e nesta pesquisa foi possível graças a ajuda de uma pessoa que compõe o GETE, que se dispôs a realizar a busca e me enviar os resultados.

08 de maio de 2023. Os descritores buscados foram: cozinha, comida, culinária, aliment*, refeição, gastronomia e mulheres negras. O resultado foi de 701 artigos, dos quais somente dois tinham em seu título, resumo ou palavras-chave o termo “negr*” que designa mulher negra ou cozinheiras negras, e pelo menos algum dos descritores relativos à alimentação. A busca também na OGB se deu para confirmar o que já havia sido realizado no Portal de Periódicos da Capes. Na busca que fiz a fim de encontrar artigos que tenham a mulher negra como sujeita central nos debates da geografia dos alimentos/da alimentação, somente um deles trazia a temática.

Resultado dessa busca, o texto de Cavignac e Silva (2019) relata a importância dos afrodescendentes do Seridó (RN) para o desenvolvimento econômico, cultural e social da região. As autoras trabalham a questão da memória e pertencimento através das receitas, passadas pelas mulheres negras por diferentes gerações e que tem forte conexão com o Brasil colonial e, conseqüentemente, com o continente africano. Buscando recuperar processos memoriais e patrimoniais, a fim de assegurar o estabelecimento dos grupos nos seus territórios ou para fortalecer a reivindicação de direitos coletivos, as autoras neste artigo se utilizam da via da memória alimentar. Através dessa memória, chega-se ao tempo da escravidão, quando as mulheres contam suas trajetórias e como aprenderam a trabalhar. Dessa forma, a comida e as cozinheiras ocupam um lugar central. Além dos hábitos alimentares, outros temas aparecem: “o trabalho, a família, a morada e as desigualdades sociais” (Cavignac; Silva, 2019, p. 22).

(...) as memórias das cozinheiras e as descrições da vida nas fazendas de criar revelam o papel central das mulheres negras na organização da vida doméstica no sertão. As mulheres negras têm um papel importante na organização das grandes festas da cidade e nas festas das fazendas. Deixam sua marca através da maneira singular com que preparam os alimentos. O fazer culinário mostra práticas e técnicas antigas que sobreviveram à escravidão; foi modificado com os anos, mas carrega uma identidade diferenciada que começa a ser reivindicada nos pratos que são preparados pelas cozinheiras. Explica o protagonismo das mulheres que encontramos hoje na vida política das comunidades quilombolas e mais discretamente na vida doméstica. (Cavignac; Silva, 2019, p. 33-34)

Outro fato que chama atenção é a inserção de elementos da culinária afro-brasileira na dieta dos seus padrões. O artigo, no entanto, não problematiza em nenhum

momento a presença de mulheres negras até hoje como cozinheiras, o que aponta para uma tendência à romantização do trabalho dessas mulheres.

Um estudo sobre a soberania alimentar em uma comunidade negra na Colômbia (Silva, 2016) também me despertou a curiosidade, mesmo não correspondendo exatamente aos critérios da busca. No resumo aparece que a autonomia feminina no território seria investigada, mas no decorrer do texto somente em um pequeno trecho ele pontua a participação das mulheres na produção de alimentos e frutas no território e tem um projeto, desde 2012, que tem o objetivo de adquirir sementes nativas para diversificar a produção agrícola e fortalecer a produção de doces típicos feitos por essas mulheres.

Reitero, portanto, a ausência da fundamental centralidade das mulheres negras para se pensar através da Geografia a alimentação no Brasil, já que, como foi visto, foram elas que formaram nossos hábitos alimentares e são protagonistas na elaboração de diversos pratos tradicionais brasileiros. Além disso, é importante dar a devida atenção à cozinha, esse cômodo necessário e presente nos lares e fora deles, como as cozinhas coletivas descritas por Lyra (2021). Apesar da constatação da pouca literatura, por meio do diálogo entre diferentes áreas vimos que não só é possível, como se mostra um farto campo de pesquisa.

Considerações Finais

Métodos e metodologias feministas científica foram de grande contribuição para este trabalho, na medida em que nos dizem que a ciência deve ser reflexiva e posicionada, que possa afetar e ser afetada pela pesquisa sem medo de invalidá-la por isso. As geografias feministas, que seguem essa tendência, ampararam um trabalho sobre o espaço privado e as relações que acontecem nele. A manutenção e reprodução desse espaço, tarefa construída como exclusivamente feminina no ocidente a partir do século XVIII, se torna desvalorizada e invisível na realidade concreta, no cotidiano e na ciência. A geografia tradicional, que não foge a esse padrão, se esforça na investigação do espaço público, o que é denunciado por diversas geógrafas feministas. Além disso, utilizando o conceito de espaço paradoxal, pude considerar a cozinha como um espaço central de análise e, a partir dela, refletir sobre o papel das mulheres negras no trabalho doméstico no Brasil, transitando entre a margem e o centro e entre os espaços público e privado.

A geografia brasileira privilegia as análises do espaço público, inclusive no que se refere aos alimentos e à alimentação. Campo de inúmeras e importantes pesquisas, a geografia dos alimentos e da alimentação nos traz valiosas informações sobre produção, transporte, comercialização e consumo de alimentos, além da questão fundiária e dos perigos do uso de agrotóxicos, índice no qual o país aparece muitas vezes nas primeiras posições como consumidor. No entanto, há uma lacuna nos estudos sobre alimentação que se encontra justamente em refletir sobre quem prepara e transforma os alimentos em refeição, de onde vem determinados ingredientes utilizados na culinária brasileira e/ou o modo de preparo de certos pratos. Nesse lugar desconsiderado pela geografia, que é a cozinha, mulheres negras atuam com agência e resistência (Machado, 2021) e nos alimentam há séculos. Por isso a geografia dos alimentos e da alimentação precisa inserir-se em um debate que não existe sem elas.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- BOSI, Ecléa. D. Risoleta. *In*: **MEMÓRIA E SOCIEDADE**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 365–401.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette; SILVA, Danycelle. Sabores e práticas culinárias das cozinheiras negras do Seridó (RN–Brasil) **Revista GeoNordeste**, n. 2, p. 20-40, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). **Trabalho doméstico no Brasil**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html>. Acesso em 25/04/2023
- GONZALEZ, Lélia. Democracia racial? Nada disso! *In*: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. 1. ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. P. 109-111
- hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). ESTATÍSTICAS DE GÊNERO: INDICADORES SOCIAIS DAS MULHERES NO BRASIL. **Estudos e Pesquisas** – Informação Demográfica e Socioeconômica, n 38, 2ª edição, ISBN 978-65-87201-51, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em 23/09/2021.

JORNAL DA GLOBO. **Falta de acesso ao gás de cozinha contribui para aumento de 43% no nº de queimados em hospital de referência do Rio. G1**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 21 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/06/21/falta-de-acesso-ao-gas-de-cozinha-contribui-para-aumento-de-43percent-no-no-de-queimados-em-hospital-de-referencia-do-rio.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LYRA, Luna Esmeraldo Gama. **Espaços de cozinhar: mulheres, colonialidade e resistências coletivas a partir do trabalho de cuidado**. 189 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Ufmg, Belo Horizonte, 2021.

MACHADO, Taís de Sant'Anna. **Um pé na cozinha: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil**. 2021. 305 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MCKITTRICK, Katherine. **Demonic Grounds: Black Women And The Cartographies Of Struggle**. 1a ed. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2006.

ROSE, Gillian. **Feminism and Geography: The limits of geographical knowledge**. U of Minesota Press, 1993.

SILVA, Cintia Cristina Lisboa da Silva. **Silenciamentos da geografia brasileira: interseccionalidade de gênero e raça na produção de artigos científicos após os anos 2000**. 2022. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2022.

SILVA, Lucas Bento da. Impacto econômico e soberania alimentar e nutricional: um estudo de caso na comunidade negra rural palenqueira San Juan de Palos Prieto, região do caribe colombiano. **Revista Nera**, n. 32, p. 195-213, 2016.

TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho doméstico**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Ubu Editora, 2020.